

RELAÇÕES BRASIL-CHINA SOB A POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO ENTRE 2019-2020: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS

CAIO JUNIOR AULER¹; NAIRANA KARKOW BONES²; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE³

¹Universidade Federal de Pelotas – caiojr99@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nairanabones@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul) e do Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA). A pesquisa “Relações Brasil-China sob a Política Externa do Governo Bolsonaro entre 2019-2020: algumas considerações críticas” faz parte do campo de estudos das Relações Internacionais e da Geopolítica, e corresponde a uma importante alteração da atual dinâmica da economia mundial, com ênfase ao papel chinês na política externa brasileira.

O país asiático aumentou sua presença na América Latina e isso desafia a dinâmica centro-periferia que historicamente orienta as relações entre América Latina e Estados Unidos. Esse cenário se insere a partir da constatação do enfraquecimento da hegemonia estadunidense no âmbito geopolítico, econômico e ideológico (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 1996), atrelado a ascensão econômica chinesa no cenário internacional, que aumentou a sua atuação, sua influência, e suas relações diplomáticas e comerciais com outros países.

As relações bilaterais entre Brasil e China se aprofundaram nas últimas décadas e passaram a apresentar cada vez mais envergadura, e desde 2009 é o principal parceiro comercial do Brasil (MÁXIMO, 2010). Contudo, com a chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto em 2019, o Brasil adotou uma postura “anti-China” e de alinhamento automático ao governo Donald Trump (2017-2020) dos EUA.

A nova conduta foi materializada com a escolha do ex-chanceler Ernesto Araújo para o comando do Ministério das Relações Exteriores, que afirmou no início de sua então gestão que “O relacionamento com os Estados Unidos talvez seja a parceria mais negligenciada nos últimos anos no Brasil, por uma visão que os Estados Unidos seriam uma parceria que não se deveria trabalhar em várias áreas, o nosso propósito é recuperar o tempo perdido.” (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

Este trabalho busca analisar de maneira crítica os dois primeiros anos do mandato de Jair Bolsonaro (2019 e 2020), marcado pelo alinhamento automático à gestão Trump, propondo-se responder à seguinte questão: como se desenvolveram as relações entre Brasil e China sob o alinhamento automático a Washington? Como ficaram as relações comerciais bilaterais?

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada nessa pesquisa é análise de dados de caráter qualitativo. Pesquisa desenvolvida por meio de análise documental e de revisão bibliográfica, utilizando tanto fontes de caráter primário, como discursos governamentais do período estudado, quanto secundário em livros, artigos científicos e imprensa em geral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está na fase final de seu desenvolvimento, com realização de análise de dados coletados, leitura e discussão de bibliografias selecionadas e averiguação de notícias e discursos governamentais relacionados à política externa brasileira do período estudado.

Durante o desenvolvimento do trabalho pode-se averiguar que a partir de 2019 houve uma alteração da linha tradicional da política externa brasileira e da manutenção da inserção autônoma do país no sistema internacional que acontecia desde os anos 1960 (VALDEZ, 2020). A busca por uma adesão total e acrítica por uma relação especial com os EUA, no período de análise, tem-se mostrado contrária à tradicional postura da política externa brasileira de adesão ao multilateralismo, aos fóruns e organizações internacionais, por exemplo, e que refletem a atuação consagrada do Brasil no Sistema Internacional.

Um exemplo desse *turning point* foi a atuação do governo Bolsonaro em 2019, quando o país mudou sua posição histórica na ONU, e juntamente com Israel e EUA, votou pela manutenção do embargo econômico dos estadunidenses a Cuba (G1, 2019). Embora Trump e Bolsonaro compartilhassem ideologias semelhantes, ao longo do trabalho pode-se identificar exemplos da falta de reciprocidade por parte de Washington, principalmente na agenda econômica.

Esse alinhamento automático aos EUA refletiu nas relações do Brasil com seu principal parceiro comercial, a China. Pode-se observar que o governo brasileiro passou a adotar uma postura hostil em relação aos chineses, especialmente no discurso, marcado frequentemente por um caráter agressivo, beligerante e até mesmo xenofóbico. Com reflexos no fornecimento do Insumo Farmacêutico Ativos (IFA) para a primeira vacina disponibilizada no Brasil, a CoronaVac, que é de origem chinesa.

Entretanto, setores econômicos, principalmente relacionados ao agronegócio, pressionaram para que as relações bilaterais entre Brasil e China não fossem prejudicadas. Essas pressões são reflexo da importante posição que o país asiático ocupa na estrutura econômica brasileira. Enquanto o Brasil tem um superávit de US\$ 28 bilhões em 2019 e em 2020 de US\$ 33 bilhões no seu comércio com a China; neste mesmo período, tem um déficit, respectivamente, de US\$ 374,3 milhões e US\$ 3,1 bilhões no seu comércio com os EUA, segundo dados disponibilizados pelo Ministério da Economia (2021).

4. CONCLUSÕES

Foi possível concluir até o momento, que houve uma ruptura na tradicional política externa brasileira, principalmente no que refere-se a autonomia e a universalização de parcerias. Isso resultou em um alinhamento automático à gestão Trump e a mudança de comportamento do Brasil no Sistema Internacional.

Ademais, foi possível constatar, que as relações sino-brasileiras foram marcadas por instabilidades e crises político-diplomáticas, agravadas majoritariamente por representantes da política brasileira, com vínculo ao governo Bolsonaro. Tais condutas demonstram ser incoerentes e contraproducentes em relação à China, nosso principal parceiro comercial, que se tornou relevante na manutenção econômica brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, G. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro, Editora UNESP, 1996.

BRASIL. Ministério da Economia. **ComexVis**. Online. Acessado em 15 mar 2021. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>>.

Brasil muda posição histórica e vota contra resolução que condena embargo a Cuba na ONU. **G1**. 07/11/2019. Online. Acessado em 04 dez 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/07/brasil-muda-posicao-historica-e-vota-contra-resolucao-que-condena-embargo-a-cuba-na-onu.ghtml>>.

MÁXIMO, W. China torna-se principal parceiro comercial do Brasil após revisão de exportações. **Agência Brasil**. 2010. Acessado em 25 dez 2020. Online. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2010-01-14/china-torna-se-principal-parceiro-comercial-do-brasil-apos-revisao-de-exportacoes>>.

“Queremos recuperar tempo perdido”, diz chanceler sobre relação com os EUA. **Agência Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-03/queremos-recuperar-tempo-perdido-diz-araujo-sobre-relacao-com-eua>>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

VALDEZ, R. Alinhamento automático com EUA é contraproducente para o Brasil. **OPEU. Observatório político dos Estados Unidos**. 07/08/2020. Online. Acessado em 03 dez 2020. Disponível em: <<https://www.opecu.org.br/2020/08/07/alinhamento-automatico-com-eua-e-contraproducente-para-o-brasil/>>. Acesso em: 03 de dez. 2020

WALLERSTEIN, I. **O Declínio do Poder Americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 315 p.